

Nossa História

Histórico das explorações das cavernas de Ribeira, pelo Espeleogrupo Michel Le Bret e o primeiro acidente em cavernas no Brasil

Por Paulo César Boggiani (SBE 0093)
USP e GGEO (SBE G034)

O Espeleogrupo Michel Le Bret foi criado em Sorocaba em 1977, e realizou sua primeira atividade no Núcleo Caboclos do Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira, juntamente com o Grupo Escoteiro Baltazar Fernandes, também de Sorocaba. Após entendimentos com demais grupos de Espeleologia, notadamente o CEU – Centro Excursionista Universitário e com a Sociedade Brasileira de Espeleologia—SBE, a região de Ribeira foi destinada como área de exploração. O grupo foi criado por iniciativa de José Antonio Caldini Crespo e começou com poucos membros, que se reuniam periodicamente em sua casa. Eu tive a oportunidade de me integrar ao grupo, por convite do Alexandre Caldini Crespo, primo do José Antonio, hoje Prefeito de Sorocaba.

Outra missão dada ao Grupo foi a de encontrar, nas proximidades de Sorocaba, alguma cavidade onde pudesse ser instalado um laboratório subterrâneo, a pedido do Guy Collet, que sempre apoiou o grupo em formação. Nesse sentido, algumas viagens, sem sucesso, foram realizadas em Salto de Pirapora, onde uma pequena toca foi encontrada, repleta de morcegos e protegida por ferozes vespas.

O Guy Collet foi um grande incentivador do grupo, talvez até influenciado no nome do nosso grupo, já que Michel Le Bret foi quem o iniciou na Espeleologia, ao encontrá-lo no Vale do Ribeira, em suas buscas arqueológicas.

Certo domingo, ocorreu um pedido de ajuda do Guy Collet, que se encontrava na Rodovia Castello Branco por ter, pela segunda vez, o pneu furado de sua Brasília. O José Antonio foi à minha casa, por saber que meu pai tinha o mesmo tipo de carro, para pedir emprestado o estepe que serviria ao Guy. Segui junto com o José Antonio ao atendimento e, em retribuição à ajuda, fomos presenteados por uma bela placa com o esqueleto quase inteiro de um Mesossaurus. Na época fiquei maravilhado, sem saber que teria muito contato ainda com esse tipo de fóssil em aulas de campo em pedreiras de calcário da Formação Irati, aflorantes na região de Rio Claro, de onde Guy Collet vinha de mais uma de suas expedições.

Fomos também convidados pelo Guy, em 1979, para participar das primeiras escavações arqueológicas do Sítio Guarei, um abrigo relativamente grande, com aproximadamente 20 por 10 metros sob arenito na região próxima à Sorocaba. Foi-me destinado um canto da primeira trincheira aberta para escavar. Ao raspar o fundo, logo encontrei um pequeno fragmento de sílex e comuniquei, entusiasmado, a descoberta. Prontamente Guy Collet se aproximou com sua espátula em mão e começou a contar uma história, por ele vivida, de que numa determinada escavação havia encontrado algo importante e que, logo em seguida, havia sido convidado pelos mais graduados a continuar escavando em outro lugar.... Eu, logicamente, entendi o recado. Mas a surpresa maior foi saber, anos depois, que o sítio se tornou importante local de pesquisa e campo escola para Arqueologia.

Foram vários contatos com o Guy Collet, mas entre os primeiros ainda lembro-me de ter ido junto com Antonio Oliveira, topógrafo de profissão, ao escritório do Guy Collet no centro da cidade de São Paulo buscar nossas carbureteiras da Lorenzetti, as quais receberam, como adaptação, um tubo de metal que atravessava o compartimento de água para conexão da mangueira que, ligada ao capacete, nos fornecia iluminação nas cavernas.

Logo após a primeira viagem a Caboclos, iniciamos, ainda em 1977 nossas atividades na região de Ribeira, destinada como área de exploração. Lembro-me de descer pela estrada de terra, ao Bairro Saltinho que tinha acesso a partir da ponte do Tijuco na estrada de Apiaí para Ribeira, quando foi nossa surpresa terem escavado parte do barranco, à beira da estrada, para que pudéssemos montar nosso acampamento. A região é muito íngreme, sem locais apropriados para acampar. A escavação havia sido providenciada pela prefeitura de quem sempre recebíamos apoio, na pessoa do Ito, que depois tornou-se nosso amigo e nos recebia sempre, com seu característico largo sorriso. Naquela época, o apoio da Prefeitura era desinteressado, apoiavam por apoiar, uma vez que cavernas não tinham, assim como demais atrativos naturais, o apelo turístico que se tem hoje, após ao crescente aumento do ecoturismo.

As condições de acampamento eram razoáveis. Tínhamos a área plana aberta perto da estrada, mas sem abastecimento de água qual tinha que ser buscada num pequeno córrego, 200m abaixo, no fundo do vale, para onde era levada, também, a louça e panelas para lavar numa grande e desajeitada bacia de alumínio.

O local aberto, para nosso acampamento, fora escolhido por ser próximo da já conhecida Caverna Misteriosa. Foi nosso primeiro desafio de exploração e mapeamento. Eu tinha orgulho de, aos 15 anos, participar como auxiliar da topografia, feita pelo topógrafo Antonio de Oliveira.

Tínhamos pouco contato com os moradores locais, até porque o tempo que ficávamos pela região era insuficiente até para as explorações, restritas a alguns feriados apenas. Tivemos a informação de um buraco (um sumidouro), seguindo pela estrada, em frente a algumas moradias. O José Roberto Certo, mais conhecido como Zero, foi um dos primeiros a entrar e se empolgar com os desníveis encontrados. Ao relatar a descoberta, com entusiasmo e exagero, acabou por promover o batismo da nova cavidade como “Caverna do Trabuço”, nome esse de antiga arma de fogo, mas usado também como sinônimo de invenção, ou algo contado com exagero. Posteriormente, com a descoberta de um desnível de dezenas de metros (depois medido como de 45 m) levou à mudança do nome para “Tira-Prosa”, afinal, a empolgação do Zero se justificava.

A descoberta do abismo empolgou o grupo ainda em formação. Foi nesse abismo que elaborei meu primeiro mapa de caverna do qual guardo ainda o rascunho. Naqueles tempos, lançávamos os pontos e visadas em papel e depois passávamos a limpo, com nanquin, sobre papel vegetal. Cópias eram feitas em papel heliográfico de característica cor roxa-azulada.

A caverna ou abismo, “Trabuço”, assim como as demais cavernas na região acabaram não sendo devidamente registradas no Cadastro Nacional de Cavernas da SBE, o qual passou a ser alimentado de forma mais sistemática apenas anos depois.

A região recebeu trabalho sistemático e mapeamento detalhado das cavernas recentemente, em 2008, pelo Espeleogrupo

Meandros, e o Abismo Trabuco renomeado como Toca do Porco, registrado no cadastro espeleológico pelo código SP-169, com 148m de desnível, segundo o mapa mais recente.

Os trabalhos do Espeleogrupo Michel Le Bret resultaram, naquela época, na exploração e mapeamento das seguintes cavidades: Caverna Misteriosa, Abismo Tira Prosa, Gruta do Mato Dentro e, marcante para a história do grupo, como relatado em seguida – o Abismo Zero. Algumas cavidades pequenas foram exploradas também na região de Catas Altas, a noroeste de Ribeira, e o Abismo da Urutu e Gruta do Lago Verde em Adrianópolis-PR.

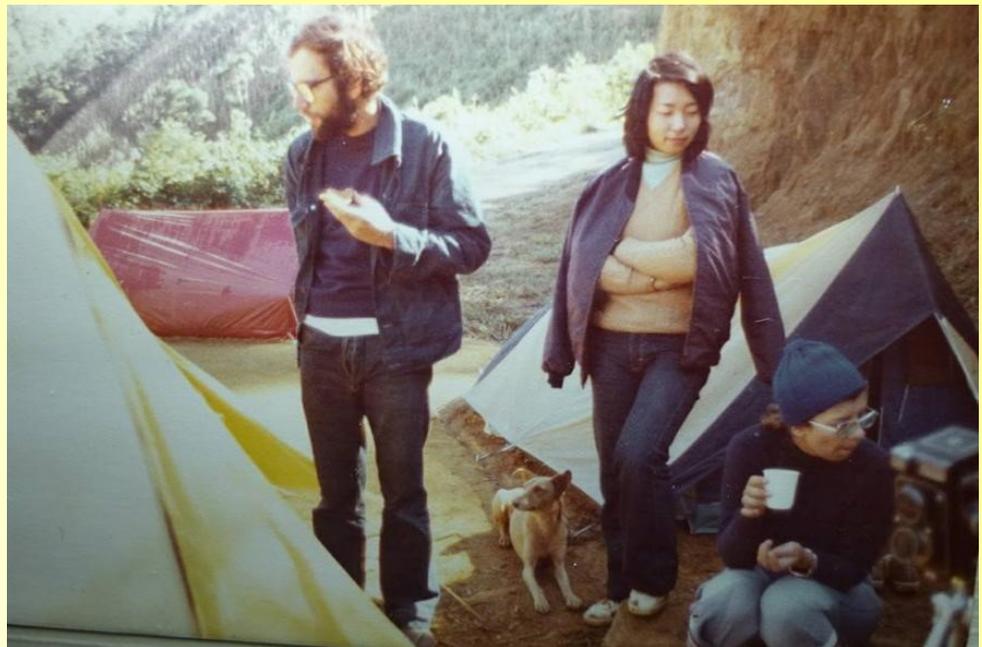
A exploração do Abismo Tira Prosa foi marcante para a espeleologia na época, e motivo de orgulho para um grupo que ainda se estruturava. Era necessário o empréstimo de todas escadinhas de cabo de aço disponíveis, o que totalizava ao redor de 60 m. Lembro-me de uma vez que ficamos a espera do transporte delas, pelo Ito, despachadas de ônibus por alguém de São Paulo até Ribeira.

Não se empregava ainda técnicas verticais com cordas, no máximo, arriscava-se um ou outro curto rapel. Descíamos e subíamos com as escadinhas de cabo de aço, segurança feita com corda. Essa situação exigia a manutenção de um membro da equipe no início do primeiro e maior lance, de 45 m, o qual promovia a descida das escadinhas com uma corda, usada para subi-las novamente, para que o grupo de exploração retornasse, depois de horas. Após finalizada a exploração de seus 145 m, retornamos para a topografia e o Luiz Makoto Ishibe subiu o lance de 45m usando o nó prusik para, depois, subir o conjunto de escadinha já que ninguém se prontificou a ficar horas de isolamento, para puxá-las.

Acidente no Abismo Zero (25 de maio de 1978).

Era uma manhã muito fria, havíamos chegado tarde na noite anterior e, após levantarmos, ainda tivemos um tempo para um bolinho com vela e tudo, para comemorar o aniversário de quem lhes escreve o presente relato.

Estávamos apreensivos, face ao desafio que nos esperava de explorar uma nova cavidade que havia sido explorada apenas em seus primeiros metros, após a transposição de estreitas passagens pelo Zero, motivo pelo qual a caverna recebeu seu apelido.



Ildechis, na manhã de 25 de maio de 1978. Ao lado, em pé, Lucy Ishibe e, sentada, Maria Elisa Pupo Pinheiro. Local de acampamento do grupo, à beira da estrada no Bairro Saltinho

Para essa exploração, o Espeleogrupo Michel Le Bret contava com dois convidados do CEU – Centro Excursionista Universitário – o Luiz Henrique Sanchez e Ildechis Amorim, o primeiro ainda estudante de Engenharia de Minas e o segundo já formado nessa modalidade. Ildechis já havia participado, junto com o grupo, da exploração do Abismo Tira Prosa, com quem vínhamos mantendo relações crescentes de amizade.

O Zero (José Roberto Galvão Certo), ao rever as informações do presente relato, lembrou que conhecemos o Ildechi na operação resgate simulada na Caverna Santana, organizada pelo Sérgio Beck – entusiasmado em exploração e pioneiro em questões de salvamento em cavernas. Tendo lembrado do comentário dele de que, naquele resgate simulado, teria sido a primeira vez que entrava numa caverna. Destacou, também, característica marcante do Ildechis, a de sempre responder qualquer questionamento feito com a frase “_Isso responde sua pergunta?”, o que passou a ser marcante acrescido de seu jeito quieto, até meio sério.

Após os preparativos e a rotina que antecede a entrada em cavernas, com uso de carbureteiras, partimos para o abismo. Estavam presentes nessa jornada, além do Luiz Henrique Sanchez, Ildechis Amorim, a Lucy Ishibe, Maria Elisa Pupo Pinheiro, Carlos Aristeu Leão Sonetti, José Roberto Galvão Certo e Paulo César Boggiani, que completava naquele dia 16 anos de idade, sem ter ideia de que, o que estava para acontecer, seria um fato marcante para todos ali presentes, e para a Espeleologia

do Brasil, ainda restrita ao Estado de São Paulo e Minas Gerais.

O acesso à caverna é relativamente fácil. Perto da estrada e no fundo de um vale interrompido pelo paredão calcário. A maior dificuldade é a passagem estreita da entrada, atualmente assoreada devido aos desmatamentos no vale, segundo informações recentes. Após a entrada estreita, o caminho é de teto baixo onde se prossegue rastejando, com a barriga e peito na água que escorre para dentro da caverna. Dali iniciam-se algumas quedas até um salão com blocos abatidos. Deste salão, segue um pequeno conduto que por ser estreito implicou na divisão do grupo de exploração. Eu e a Lucy fomos explorar o salão e os demais continuaram descendo pelo conduto por onde escorria a água.

Estávamos eu e a Lucy no salão grande quando resolvemos voltar para reunirmos ao grupo. Chamamos os demais, mas não tivemos resposta e aí decidimos descer pelo caminho do rio até que, logo em seguida, encontramos o Zero muito nervoso e assustado que fez um comentário duro e direto sobre o que havia acontecido com o Ildechis e que nada podia ser feito naquele momento, dada a forma estranha do ocorrido. Sem muita explicação, apenas mostrando a necessidade urgente de pedido de ajuda saiu da caverna junto com a Lucy.

Tendo em mente que algo ainda podia ser feito, optei por ir até o local. Transpostas algumas passagens estreitas me deparei com os demais à beira de um lago com água barrenta. Todos muito assustados, o Luiz Henrique molhado, ofegante, com

vapor subindo dos panos molhados de seu macacão. “Cadê o Ildechis?” Perguntei. Não me lembro do que falaram, mas quis imediatamente entrar no lago para procurá-lo, mas fui imediatamente impedido pelo Aristeu com o argumento de que não se sabia o que o tinha puxado para o fundo do lago. Pensavam ter sido algum animal, ou alguma forma de sucção. Lembro-me de algum relato de que ele havia simplesmente “apagado” e afundado.

Com a sensação de profunda frustração e diante da conclusão de que nada poderia ser feito, retornamos ao acampamento. Nesse momento o Zero, junto com a Lucy, haviam ido para o rancho, na casa do Vândir de Andrade, onde hoje é a conhecida Pousada da Diva. Ali pegaram alguns contatos e seguiram para Iporanga-SP onde tiveram acesso a telefone na delegacia e comunicaram o acidente e pediram ajuda. O primeiro a ser contactado, foi o Clayton Lino (SBE 0029).

Lembro-me pouco dos momentos após o acidente, a espera de alguma notícia da ajuda solicitada. O acidente devia ter ocorrido ao final da tarde ou início da noite, estávamos esgotados, mais pelo abalo psicológico do que do cansaço físico. Não conseguíamos entender o que tinha ocorrido, não falávamos a respeito entre nós, mas restava uma esperança de que Ildechis estivesse vivo, atingido um salão emerso e ali permanecera à espera de um resgate.

O Zero me contou mais detalhes de que havia ocorrido. Ao encontrarem o lago, resolveram seguir a nado para ver se continuava do outro lado. A corda usada para descida não era suficiente para uma segurança, então seguiram soltos, a nado, pois o lago não dava pé. O Ildechis ia à frente e ele com o Luis ao seu lado, quando, de repente, o Ildechis simplesmente afundou, de forma muito rápida. Tinham a impressão de que havia sido sugado, por algum tipo de sifão. A esperança era a de que, passado o sifão, ele permaneceria em algum salão emerso e com vida. Tanto que após a decisão de sair da caverna, para se evitar hipotermia, o Aristeu deixou uma carbureteira acesa, caso o Ildechis conseguisse retornar, para que tivesse alguma orientação.

Estávamos dormindo no acampamento e fomos acordados, já pela madrugada, com a chegada da primeira equipe de espeleólogos, acionada pelos telefonemas do Zero. A notícia começava circular em São Paulo, na busca do que poderia ser feito. Nem bem foram notificados, partiram para



Preparativos para exploração, da esquerda para direita – Paulo César Boggiani, Luis Henrique Sanchez e Ildechis Amorim. Notar as escadinhas de cabo de aço e carbureteiras. O José

Ribeira Ivo Karmann, Roberto Falzoni e Guilherme Pinto Coelho, os primeiros a chegarem madrugada a dentro.

Sabiam que explorávamos um abismo, e era natural que associassem a uma possível queda. A equipe, recém-chegada, veio preparada para um resgate em abismo. Lembro-me da reação do Ivo, o que me chamou muito a atenção, já que não o conhecia muito bem, pela sua eloquência e típica indignação, ao ser informado que se tratava de um resgate em água. O Ivo gesticulava, nervoso, frustrado, e comentava “_ cheguei a pegar minha máscara de mergulho, mas não trouxe!”. Com o que tinham trazido de equipamento, nada poderia ser feito, mesmo assim, insistiram em ir até o lago subterrâneo.

Mostramos a entrada da caverna, a partir da estrada, e eles desceram e adentraram. Logo chegaram ao lago e nada puderam fazer, até que receberam a notícias de que os bombeiros estavam descendo com equipamento de mergulho e partiram para ajudar, na transposição dos equipamentos.

Os bombeiros de Sorococaba que chegaram logo depois que os três foram para a caverna. Antes, havia chegado um destacamento de Bombeiro de Barra do Turvo, mas sem equipamento de mergulho. Os de Sorocaba haviam sido informado que se tratava de um acidente em água, por isso traziam equipamento de mergulho e – para surpresa nossa – também um barco

de alumínio que permaneceu amarrado à camionete, frente a sua inutilidade para aquela operação.

Os Bombeiros não tinham experiência em técnicas verticais e foram auxiliados pelos espeleólogos nas descidas do abismo. As práticas de aventura era bem isoladas naquela época, atualmente a situação é bem diferente, com a corporação muito bem preparada para qualquer tipo de situação e bem estruturada para práticas diversas em abismo e em alturas.

Eu voltei à caverna um pouco depois do grupo de resgate, junto com os bombeiros, já instalado no seu interior. Passei pelo Guilherme que aguardava em seu posto, acima do primeiro lance vertical, para dar segurança aos que desciam. Desci pela corda e cheguei até a passagem estreita e de teto baixo, antes do lago. Ali, não me adentrei devido à falta de espaço e fiquei à espera de orientação.

Logo recebi a notícia de que haviam encontrado o corpo. Perguntei se o haviam encontrado com vida...

Quando recebi a resposta - com um toque de indignação e surpresa frente ao óbvio. Ele estava morto. Chorei naquele momento, pela primeira vez diante do ocorrido. Foi o único momento que chorei a morte do amigo recente, sempre discreto, de poucas palavras, cabeça sempre baixa, mas que nos fascinava pelas histórias de sua viagem solitária, recente, à Ilha de Páscoa e pela sua mochila, de lona ver-

de e armação de metal leve. Tínhamos poucas opções de mochila naquela época assim como de equipamentos.

A conclusão foi a de que Ildechis deveria ter perdido os sentidos e simplesmente afundado devido à hipotermia, já que a água estava muito fria.

Temos aí duas versões de como o corpo foi encontrado e retirado pelo bombeiro que mergulhou. Lembro-me do comentário de que descia amarrado a uma corda ligada a uma boia na superfície. O combinado era de que deveria ser puxado, ao seu sinal pela corda. Já com o tempo limite de autonomia para o mergulho, ele encontrou o corpo, encaixado ao fundo do teto inclinado. Fez o sinal, mas como a boia encontrava-se enroscada no teto do lago não teve resposta, daí decidiu trazer o corpo sozinho. O Zero comentou, durante sua revisão do texto que ouviu o mergulhador, ao encontrar o corpo, puxara a corda para amarrá-lo, a equipe da superfície, já preocupada com o limite de ar disponível, entendeu ser um pedido de içamento, o que prontamente o atendeu. Imediatamente o mergulhador, ao sentir ser puxado, agarrou-se ao corpo do Ildechis, senão a oportunidade de retirada seria totalmente perdida.

Iniciada a operação de retirada do corpo recebi o pedido, através da passagem estreita e baixa, para puxá-lo. Tudo se dava de forma rápida, frenética e nervosa com o arraste de um corpo inerte, com a cabeça envolvida em seu agasalho. Seguiram-se os demais, que abandonavam o local do acidente. Rapidamente, o corpo foi atado às cordas e içado. O corpo subia, torto, espremido pelas cordas, em cadência, no ritmo do comando de ordem unida.

O corpo foi retirado da caverna, com dificuldade pelas passagens estreitas e teto baixo. A cada trecho o corpo tinha que ser puxado, até que foi retirado da caverna e posto numa maca, que o esperava para subir a encosta até a estrada. Colocado na camionete dos Bombeiros, essa seguiu até Ribeira, com o Zero velando o corpo, coberto por uma lona.

Curioso foi o fato de, antes de chegar à cidade, mesmo sem trânsito, a sirene fora acionada, o que despertou ainda mais a curiosidade dos moradores, que rapidamente se aglomeraram ao redor da camionete, ao ponto de levantar a lona para ver o corpo, o que foi imediatamente repreendido pelo Zero, que guardava o corpo do amigo, prestes a seguir para São Paulo, para seu velório e enterro.

Soube que a mãe do Ildechis não queria nenhum espeleólogo no velório, devia estar revoltada com o que havia acontecido. Guy Collet estava presente e, ao fechar do caixão, colocou entre os seus dedos um mosquetão. O comentário foi de surpresa com esse ato, afinal, um mosquetão era objeto de cobiça e desejo, dada a dificuldade em se obter qualquer equipamento naquela época, marcada pelo improvisos para o rappel, fazíamos oito com ferro de construção.

Enquanto Ildechis era enterrado, estávamos no Bethary, no Bairro da Serra, na propriedade do Vandir de Andrade, onde hoje é a Pousada da Diva. Com a rápida retirada do corpo, os que ainda chegavam na região, após a notícia do acidente, para lá se deslocavam, nada mais podia ser feito. Lá tínhamos o que chamávamos de “rancho”, que havia sido a sede de campo da SBE. Esse rancho não existe mais, onde hoje é um pátio lajotado com pedras, entre o primeiro e o segundo prédio de apartamentos da pousada.

O que chamava a atenção, na noite e dia que se seguiu, creio que sábado e domingo, é que ninguém comentava sobre o ocorrido.

Deve ter sido algum tipo de defesa. Além de não conversarmos sobre o acidente, mantinha-se o clima de brincadeiras e piadas juvenis-universitárias, que tanto encantava o ainda adolescente e futuro universitário.

Em Sorocaba, a notícia do acidente mal havia chegado. Curiosamente minha avó, na manhã de sábado de 27 de maio, varria a calçada quando dois rapazes passaram, conversando. A confirmação das datas deve-se, primeiro, por ter sido meu aniversário, complementada com as facilidades recentes de consulta na internet. Um deles comentou o fato de um parente dele, bombeiro, ter sido acionado para um resgate numa caverna em Ribeira.

Minha avó, ao ouvir esse comentário, ciente de minhas aventuras, imediatamente pediu detalhes, o que não os obteve. Informado, meu pai entrou em contato com o José Antonio, que já devia ter recebido informações mais detalhadas do que havia acontecido. Ao me reencontrar com meus pais, no domingo à noite, pensava em ter que explicar o que havia acontecido, mas qual foi surpresa minha, saber que já tinham parte das notícias. Tentávamos retornar às nossas vidas, mas abalados

com o que havia acontecido. Tinha sido o primeiro acidente fatal em exploração de cavernas no Brasil.

Um texto comovente foi escrito pela Lilian Marangoni, na época namorada e hoje esposa de José Caldini Crespo, lido na primeira reunião do Espeleogrupo Michel Le Bret. Sérgio Beck do CEU, nos convidou para um jantar em sua casa – um pequeno apartamento na esquina da Consolação com a Av. Paulista, onde nos maravilhávamos pelos inúmeros equipamentos que armazenava, com muita organização, num quartinho de empregada transformado em precioso depósito. Sentamos em sua sala e relatamos o que havia acontecido.

Foi organizada uma rede de contatos, via telefones fixos, na forma de um diagrama que todos mantínhamos aos aparelhos de telefones. Era algo parecido com o esquema de contatos estruturado, na época da Ditadura, pelos grupos de resistência, onde um ligava para uma determinada pessoa e essa para outra específica, e assim por diante, para se evitar congestionamento de contatos e desencontro de informações.

Se não fosse a vinda dos Bombeiros de Sorocaba, dificilmente teria sido retirado o corpo. Dias depois, foi publicada notícia em jornal de Sorocaba (Diário de Sorocaba de 01 de junho de 1978), provavelmente extraído do relatório dos bombeiros, face à riqueza de detalhes, apenas com um porém – o fato deles omitirem a participação de demais espeleólogos. Pelo relato deles, somente os três haviam participado da operação tida então como inédita aos Bombeiros em todo Brasil.

Depois do acidente, as atividades do Espeleogrupo Michel Le Bret diminuíram. Não foi dada continuidade à exploração do Abismo do Zero, nem para buscar a corda longa, a maior do grupo, branca, elástica da Mazzaferro, a única nacional disponível para compra naquela época, deixada no interior da caverna, na pressa de se retirar o corpo. A diminuição das atividades não se justifica pelo acidente em si, mas sim ao número reduzido de membros do grupo, junto com a transição destes para outras atividades, alguns se formando, outros entrando na Universidade, mas o que se pode afirmar, no entanto, que o resgate do Ildechis, mesmo que sem vida, teria sido a última, grande e marcante expedição do grupo sorocabano. Ω